

*Por tôda a Roma há ecos
de sua alma de titã*



A epopéia de Miguel Ângelo

Por Donald Culross Peattie

*Detalhe da
Capela Sistina*

O QUÊ se fazia do outro lado do alto tapume era segrêdo da cidade de Florença. Durante meses e depois anos, os transeuntes ouviam pancadas de aço sôbre pedra, golpes de camartelo no cinzel. Mas, como tôda a gente sabia, aquêlo bloco de mármore tinha sido antes estragado por outro escultor que, num esbôço impraticavelmente estreito e delgado, abrira profunda brecha triangular perto da base. Se bem que muitos artistas o tivessem visto, aquêlo bloco mutilado, qual gigante invencível, ficara como patrimônio da cidade durante décadas.

Afinal, na manhã de uma segunda-feira como outra qualquer (dia 13 de setembro de 1501), o jovem Miguel Ângelo Buonarrotti, escopro em punho, atacou a obra. Durante anos êle mourejou. E quando os peritos contemplaram o que êle tinha feito, ar-

bitraram-lhe o prêmio de 400 florins de ouro, e mais o direito de escolher um local para a instalação da obra. Sem acanhamento, Miguel Ângelo escolheu o lugar mais importante de Florença, em frente ao severo paço do Largo dos Nobres.

Quarenta homens labutaram quatro dias com sarilho e roldanas para levar a estátua ao local escolhido. Com olhos firmes, Davi encara ainda o seu adversário Golias. Pois que se trata de Davi, o mata-gigante. Cada defeito do bloco primitivo foi convertido em perfeição. A excessiva altura e delgadeza transformou-se no corpo maciço de um possante atleta; a brecha na base é o espaço entre as vigorosas pernas. Cada nervo e tendão, cada veia nos membros preparados está modelado com delicada precisão, como se na realidade o sangue quente de um jovem lutador cor-

resse ali. «Davi», como tôdas as grandes obras de Miguel Ângelo, é mais do que uma simples estátua; é uma verdade viva, tão viva hoje como há 450 anos, pois ainda há Golias soltos pelo mundo, e mais de um Davi pronto a enfrentá-los, com aquêles mesmo sobreceño carregado e aquêles olhar resolutivo.

Michelagnolo di Ludovico Buonarrotti Simoni nasceu no ano de 1475 em Caprese, onde tem sua nascente o Tibre, no centro da Itália. A criança foi entregue à mulher de um britador para amamentar, o que o levou a dizer mais tarde, em tom de gracejo, que «bebera» a profissão com o leite de sua mãe de criação.

Sua mãe-verdadeira morreu quando êle contava seis anos de idade, e só depois dos 60 é que Miguel Ângelo viria a conhecer novamente a ternura de uma mulher. O artista foi criado na rude atmosfera masculina, com irmãos egoístas e mediócras que o exploraram a vida tôda, e com um pai sovina e lamuriento. Na escola o menino não andou bem. Estava sempre a desenhar, e desenhava até nas paredes de sua casa. Por isso batiam-lhe, e como êle não se emendasse, batiam-lhe de novo, e mais rudemente, até que a coragem física foi arrancada daquele corpo franzino. Mas a alma do artista permaneceu íntegra.

Ávido por tirar vantagem financeira do menino refratário, o velho Buonarrotti mandou-o, aos 13 anos, para o *atelier* dos famosos irmãos Ghirlandaio, em Florença. Foi aí que

êle recebeu suas únicas lições de pintura. Um dia em que vários aprendizes estudavam o desenho de uma mulher feito por Domenico Ghirlandaio, Miguel Ângelo pegou num lápis mais grosso e corrigiu a figura. E o pior foi que Domenico reconheceu que o menino tão ousado tinha razão. Viu-se então Miguel Ângelo despedido da oficina, aliás com as mais altas recomendações. Dali foi parar no estabelecimento artístico de Bertoldo, escultor que estava fabricando estatuária pseudoclássica para Lourenço de Médicis, o mais rico banqueiro da Europa e ditador não oficial de Florença, chamado «O Magnífico» por sua prodigalidade e gostos suntuosos.

Miguel Ângelo foi contratado para desbastar blocos de mármore nos jardins dos Médicis. Cada dia mais se fortaleciam os ombros do jovem, a vista ia ficando cada vez mais segura, tão segura que, quando Lourenço deu por acaso com uma escultura que o rapaz fizera de um pedaço de mármore refugado, levou-o para o palácio, vestiu-o de veludo e destinou-lhe um lugar à mesa junto com seus filhos. Naquela mansão principesca, freqüentada por poetas e eruditos, as leituras substituíam as palestras. Foi lá que o moço Buonarrotti se familiarizou com as idéias de Platão e com os grandiosos versos de Dante. Mais um talento—o da poesia—despontou nêle; os 77 sonetos que Miguel Ângelo escreveu mais tarde parecem ter brotado da sua alma, dada a sinceridade de que se acham impregnados.

Essa alma era grande como a de um profeta antigo, cheia de visões sublimes e de paixão moral; mas a sua personalidade humana revelava-se lamentavelmente falha. Arrogante, cheio de melindres, indelicado no falar, o jovem teve o nariz amassado numa briga com um aprendiz mais velho. A deformidade durou tôda a vida e atingiu mais fundo a alma do que o rosto. Aquêles que cultuava a beleza passou a considerar-se repulsivo! De altura meã, com ombros muito desenvolvidos, êle podia não ser um moço bonito, mas o tempo tornaria inesquecível aquêles rosto vincado, aquela bôca áspera e generosa, aquêles olhos castanhos cheios de tristeza e amor quase bíblicos.

Em 1492 Lourenço morreu, e seu filho Piero não pôde pensar em melhor emprêgo para Miguel Ângelo do que fazer, numa manhã de inverno, um enorme boneco de neve. Não tardou, pois, que o jovem artista fugisse da cidade e, finalmente, tomasse o caminho de Roma.

Na Cidade Eterna, Miguel Ângelo produziu a sua primeira obra-prima — uma Madona amparando no regaço o Cristo morto. Tendo ouvido uns visitantes atribuírem a obra a outro artista, o escultor entrou às escondidas na igreja, à noite, e gravou o seu nome na escultura, e essa ficou sendo a única obra de Miguel Ângelo que traz a sua assinatura. Essa obra está agora na Basílica de S. Pedro.

Quando Júlio II subiu ao trono pontifício, planejou grandiosos mo-

numentos e edifícios que muitas vezes tinham a êle próprio como centro. Assim, deu-se pressa em arrasar a vetusta igreja de S. Pedro para ter a glória de colocar a pedra angular de uma nova basílica. Miguel Ângelo estava por êsse tempo em Florença, mas Júlio, imaginando que a história esperava dêle o mais grandioso túmulo já erigido no mundo, fêz vir à sua presença o artista de idéias mais grandiosas.

Foi assim que começou sua amizade com Miguel Ângelo. Essa amizade não estêve isenta de turras. O projeto de Miguel Ângelo para o túmulo agradou plenamente ao Sumo Pontífice. A obra devia compreender nada menos que 40 estátuas de santos e profetas rodeando o ataúde do Papa. E lá se foi o estatuário a Carrara em busca de mármore; mas quando afinal voltou para pedir a Sua Santidade o pagamento das despesas de transporte, Júlio II, na ocasião envolvido numa dispendiosa guerra com Bolonha, mandou que o expulsassem. Miguel Ângelo rabiscou um furioso bilhete ao Papa; depois, amedrontado com a sua temeridade, fugiu para território toscano, fora da jurisdição pontifícia. O Papa exigiu que Florença o extraditasse. Mas os florentinos, mais calmos, persuadiram o artista a avistar-se com Júlio II em Bolonha e para isso conferiram-lhe imunidades de embaixador. O Sumo Pontífice, tendo Bolonha já derrotada, tomou-se de clemência, e Miguel Ângelo, perdoado, acompanhou o Papa de volta a Roma.

Mas houve quem convencesse a Júlio II de que era de mau agouro construir em vida o próprio túmulo. Além disso, o pintor Rafael, no início de uma carreira promissora, e seu parente Bramante, arquiteto da nova igreja de São Pedro, em construção, tinham inveja de Miguel Ângelo. Persuadiram então Júlio a que entregasse ao artista a pintura do teto da capela particular do Papa, chamada Sistina.

—A pintura não é a minha arte, protestou o escultor. Que Rafael o faça.

Mas Júlio insistiu, e durante os quatro anos que se seguiram Miguel Ângelo viveu praticamente como prisioneiro, a princípio do Papa, depois da sua própria febre de inspiração.

Jamais foi imposta a um artista tarefa mais penosa. A Capela Sistina é um lugar escuro e acanhado, mais alto que largo. O espaço do teto é interrompido por trapeiras, dando em resultado curvas e ângulos excêntricos. Tudo isso—e eram 930 m²—tinha de ser coberto de pinturas e a fresco. A técnica da pintura a fresco consiste em moer as tintas com água, não com óleo, e depois aplicá-las sobre gesso úmido. Ao secar o gesso, a côr se fixa perpétuamente na cal. O artista tem de pintar a tôda a pressa e com mão firme.

Todos os dias Miguel Ângelo subia pela escada, trepava no andaime e deitava-se de costas para pintar o teto. Escravizado à sua arte criadora muitas vêzes êle se esquecia de co-

mer ou de dormir; foi enxotando um auxiliar atrás do outro, trancou a porta a todo o mundo, menos a um criado idoso, e só a abria quando escutava o bater da bengala de Júlio II. O Papa não entendia de arte, mas sabia distinguir a grandeza. E sabia também que a vida é curta.

—Quando, quando ficará pronto? indagava êle impaciente.

Finalmente, um dia, o Sumo Sacerdote declarou:

—Basta, já está pronto. Desça dêsse andaime, senão mando atirá-lo daí.

Cedendo, porque já uma vez *tinha* caído, Miguel Ângelo concordou em deixar entrar o mundo da arte, da elegância e do clero.

Lá em cima, como se o *Gênesis* estivesse gravado no céu, via-se a história da Criação, da Queda do Homem e o Dilúvio! Com um gesto autoritário, Deus divide o firmamento; insufla o pó de um sôpro divino, e eis Adão, feito à Sua imagem, o dedo de Deus ainda no ato de soltar o de Adão, enquanto o primeiro homem contempla com olhos de adoração a face do seu Criador. E Eva, agasalhada sob o braço do Onipotente, lança o olhar de curiosidade e mêdo para o seu senhor e mestre. Profetas e sibilas enchem os difíceis espaços do teto. Há ali 343 grandes figuras, tôdas sublimes; cada uma tem na pintura a pujança da escultura.

A mesma grandiosidade do Antigo Testamento acha-se expressa no «Moisés» de mármore, fragmento do

túmulo inacabado do Papa Júlio, tão majestoso que é como um raio de luz no ambiente sombrio da igreja que o abriga. Os dedos dos pés do Profeta estão fincados no monte Sinai, enquanto os raios e trovões do Senhor coriscam e ribombam em tórno dêle; Moisés segura as tábuas da Lei, e seus olhos despedem chispas. Reza a lenda que, quando Miguel Ângelo acabou essa estátua, desferiu-lhe uma derradeira martelada, ordenando: «Agora . . . fala!»

Mas enquanto Miguel Ângelo exprimia através da sua arte essas verdades eternas, a época em que vivia estava roída de corrupção e de dissensão religiosa. Metade da Europa havia-se levantado na revolução protestante. A Itália sofria a invasão dos exércitos franceses, alemães e espanhóis e andava dilacerada pela guerra civil. O Papa Clemente, que então ocupava o Vaticano, marchava sobre Florença. Na hora do perigo a cidade dos artistas chamou ao seu seio o maior de seus filhos. Meses a fio, Miguel Ângelo mourejou na fortificação de morros e no assentamento de canhões.

Da sangueira e da profunda calamidade daqueles tempos emergiu a obra mais serena de Miguel Ângelo — os túmulos dos Médicis. Para os visitar (e a romaria de visitantes nunca cessa) vai-se à capela contígua à igreja de San Lorenzo em Florença e entra-se num aposento projetado por Miguel Ângelo, e que acalma a pulsação e descansa o espírito do visitante. Ali, encostados à parede e um

defronte do outro, estão os dois túmulos, um de Lourenço de Médicis, outro de seu irmão Giuliano. Envergando armadura ligeira, com a mão na espada posta de través sobre os joelhos, o jovem Giuliano contempla com insatisfeito desejo os anos que não lhe foi dado viver. Esta figura é vulgarmente chamada «A Vida Ativa»; a outra, «A Vida Contemplativa», representa o absorto Lourenço, com a mão na bôca, num gesto misterioso, o capacete a resguardar uns olhos que contemplam de cima a negra perspectiva da morte.

E agora ainda outro papa (com que rapidez êles se sucediam uns aos outros, e a quantos êle sobreviveu!) convocava o artista, já então em idade provecta, para mais uma tarefa exaustiva. A parede da Capela Sistina, atrás do altar, ainda não fôra pintada. E assim, durante sete anos, o escultor teve de manejar novamente o pincel. Dessa vez foi «O Juízo Final» — aquêle momento solene em que os anjos tocarão a trombeta do julgamento, as sepulturas expelirão os seus mortos, os reis comparecerão nus como seus escravos diante do severo Juiz, os justos serão escolhidos e os condenados serão entregues ao tormento eterno.

Já então Miguel Ângelo estava velho, mais velho ainda do que realmente era, alquebrado pela luta que lhe impunham suas tarefas sobre-humanas. Durante tempo muito breve, desfrutou a amizade profunda de uma nobre dama, Vittoria Colonna, a quem confiou seus pensa-

mentos sombrios e elevados, o que não fizera com ninguém. Quando a morte interrompeu aquela amizade, Miguel Ângelo foi viver como eremita numa obscura casinha de Roma. Seu padrão de vida era o de um homem sem recursos, mas na realidade sustentava seus irmãos e tinha uma fortuna em dinheiro escondida no seu *atelier*. Secretamente êle dava dotes a moças pobres e honestas para que pudessem fazer bons casamentos.

No entanto, já octogenário, Miguel Ângelo iniciou uma nova carreira—a de arquiteto. Não passava de principiante em arquitetura quando foi designado para terminar a igreja de São Pedro que, quase meio século depois de ter sido lançada a pedra fundamental, ainda era um arcabouço sem telhado. Muitos construtores haviam trabalhado nela; a única coisa que todos os projetos tinham em comum era o tamanho, pois aquela devia ser a maior igreja do mundo.

O trabalho demorou tanto que, no intervalo, Miguel Ângelo achou tempo para projetar outros edifícios por tôda a cidade de Roma—igrejas, pa-

lácios, ponte, museus. O seu estilo dominou a Cidade Eterna como um pujante hino cujos acordes se cristalizaram na pedra.

Alguns dos projetos feitos por Miguel Ângelo para a igreja de S. Pedro nunca foram executados, mas a grande cúpula de duplo arcabouço é inteiramente do genial artista, e ela cobre de glória a imponente basílica, assim como foi o fecho glorioso da vida do seu autor. Os engenheiros diziam que a emprêsa era impossível, mas, lentamente, pedaço a pedaço, a grande concha de pedra se ergueu, magnífica nas proporções, cada peça ressaíndo em aparente desafio à gravidade, à medida que se avizinhava do centro. No fim, o artista já estava em competição com a morte. «Estou tão velho», dizia, «que a morte já me puxa pelo manto.» Mas antes de morrer, aos 89 anos, Miguel Ângelo Buonarrotti viu concluída a sua obra—a maior e mais bela abóbada do mundo. Cheia de luz, de trovão de órgão e de vozes corais entoando hinos de regozijo, vasto e aéreo clímax de poder, ela se mantém firme e conserva um derradeiro eco daquela alma de titã.



L. R. BOULWARE, vice-presidente da General Electric, encarregado das relações com os empregados, declarou: «É contra os princípios da Companhia deixar seus empregados voltarem para casa sexta-feira à noite, após uma semana de trabalho, tão cansados quanto se apresentam na manhã de segunda-feira, depois dos rigores dos *week-ends* americanos!»

—Citado em *Quote*